

**Reestruturação Produtiva: Impactos Sobre a “Questão Social”**  
**Productive Restructuring: Impacts On the “Social Issue”**  
**Reestructuración Productiva: Impactos En la “Cuestión Social”**

Recebido: 19/11/2020 | Revisado: 21/11/2020 | Aceito: 25/11/2020 | Publicado: 29/11/2020

**Simone Zeferino Pê**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7710-8026>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Brasil

E-mail: [simone.zpe23@gmail.com](mailto:simone.zpe23@gmail.com)

**Francisca Kelly Gomes Cristovam**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4649-4988>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Brasil

E-mail: [kellycristovam@gmail.com](mailto:kellycristovam@gmail.com)

**Maria Jucineide Araújo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9160-4429>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Brasil

E-mail: [jucyharaujo@gmail.com](mailto:jucyharaujo@gmail.com)

**Dina Mara Pinheiro Dantas**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8704-0675>

Laboratório de Pesquisa Multimeios FAGED/UFC, Brasil

E-mail: [dinamara@gmail.com](mailto:dinamara@gmail.com)

**Ivone Agra Brandão**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1421-6227>

Universidade de São Paulo, Brasil

E-mail: [ivoneagra@yahoo.com.br](mailto:ivoneagra@yahoo.com.br)

**Ajanayr Michelly Sobral Santana**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8727-1871>

Instituto Histórico de Campina Grande, Brasil

E-mail: [mimysobral@gmail.com](mailto:mimysobral@gmail.com)

**Resumo**

Este artigo tem como tema as repercussões das metamorfoses no universo trabalhista. Debateremos como as modificações que decorrente da produção capitalista trazem

consequências para os empregados, ocasionando o aumento do desemprego, da pobreza, da fome, da desigualdade social, entre outros fatores. Assim, observamos como o processo de reestruturação produtiva intensifica desigualdades “questão social” na sociedade contemporânea. Desse modo, a pesquisa objetiva discutir as contribuições negativas provocadas pelas metamorfoses nas vivências da classe trabalhadora. Para percorrer este caminho, decidimos verificar como os sujeitos são afetados no âmbito do trabalho pelos avanços tecnológicos, fator preponderante para aumentar as desigualdades entre os prestadores de serviços. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, a partir de um levantamento bibliográfico sobre as mudanças ocorridas no processo de produção do capital. O referido estudo está embasado nos pressupostos teóricos referentes às repercussões das metamorfoses no mundo do trabalho. Dentro da lógica do toyotismo, a captura da subjetividade do trabalhador pelo capital é capaz de promover uma nova via de racionalização do trabalho, provocando a desregulamentação do emprego, intensificando os níveis de exploração dos trabalhadores, através de trabalhos polivalentes, multifuncionais, precarizados, terceirizados, perpetuando as diversas expressões da “questão social”, tais como: pobreza, fome, trabalhos informais e a falta de acesso à saúde e educação de qualidade. Ao fim do estudo, percebemos que a reestruturação produtiva trouxe diversos impactos para o mundo do trabalho e para os assalariados.

**Palavras-chave:** Reestruturação produtiva; “Questão social”; Trabalho; Metamorfoses; Desemprego.

### **Abstract**

The present article has as theme the repercussions of the metamorphoses in the world of work. We will discuss how changes in the process of capital production bring consequences for workers, causing the expansion of unemployment, of poverty, of hunger, of social inequality, among other factors. Like this, we watch as the process of productive restructuring intensify the "social issue" in contemporary society. Thus, the research objective is to discuss the negative contributions caused by metamorphoses in the lives of employees. To follow this path, we decided to check how subjects are affected in the area of job by technological advances, a predominant factor to increase inequalities between service providers. Therefore, a research was carried out qualitative, of character exploratory, from bibliographic survey about metamorphoses occurred in the process of capital production. The said study it's grounded in theoretical presuppositions referring to the repercussions of metamorphoses in the world of work. Within the logic of toyotism, the capture of workers'

subjectivity by capital is able to promote a new way of rationalizing work, causing the deregulation of employment, intensifying the levels of exploitation of workers, through multipurpose, multifunctional, precarious, outsourced jobs, perpetuating the various expressions of the “social issue”, such as: poverty, hunger, informal jobs and the lack of access to quality health and education. At the end of the study, we realized that the productive restructuring brought several impacts to the world of work and to wage earners.

**Keywords:** Productive restructuring; "Social issue"; Job; Metamorphoses; Unemployment.

### **Resumen**

El presente trabajo tiene como tema las repercusiones de las metamorfosis en el mundo del trabajo. Discutiremos cómo los cambios ocurridos en el proceso de producción de capital traerá consecuencias para los trabajadores, que conduce a expansión desempleo, de pobreza, hambre, de la desigualdad social, entre otros factores. Así, observamos como el proceso de reestructuración productiva intensifica la "cuestión social" en la sociedad contemporánea. De ese modo, la investigación tiene como objetivo discutir las contribuciones negativas que provocan las metamorfosis en la vida de los empleados. Para seguir este camino, decidimos comprender cómo los asignaturas son afectadas en el ámbito de trabajo por los avances de las tecnologías, factor preponderante en el aumento de las desigualdades entre los proveedores de servicios. Para este propósito, se realizó una encuesta cualitativa, de carácter exploratorio, a partir de un levantamiento bibliográfico sobre metamorfosis ocurridas en el proceso de producción de capital. El referido estudio se basa en supuestos teóricos sobre las repercusiones de las metamorfosis en el mundo del trabajo. Dentro de la lógica del toyotismo, la captura de la subjetividad obrero por capital es capaz de promover una nueva forma de racionalizar el trabajo, causando la desregulación del empleo, intensificando los niveles explotación de los trabajadores, mediante de trabajos polivalentes, multifuncionales, precarios, subcontratados, perpetuar las diversas expresiones de la “cuestión social”, como: pobreza, hambre, trabajos informal y precarios y falta de acceso a salud y la educación de calidad. Al final del estudio, nos dimos cuenta de que la reestructuración productiva trajo varios impactos al mundo del trabajo y a los asalariados.

**Palabras clave:** Reestructuración productiva; "cuestión social"; Trabajo; Metamorfosis; Desempleo.

## 1. Introdução

Este artigo tem como proposta identificar como o processo de reestruturação produtiva intensifica a “questão social” na contemporaneidade. Contudo, dado o caráter amplo da temática, tornou-se necessário delimitarmos o estudo elegendo as metamorfoses ocorridas no processo de produção do capital e suas repercussões no mundo do trabalho, como também os impactos que permeiam as demandas sociais.

Sendo assim, objetivamos aqui investigar como a reestruturação produtiva tornou-se uma nova resposta do capital à sua crise estrutural, bem como as profundas mudanças no mundo trabalhista ocasionadas por esse processo. Analisaremos também como essas transformações trouxeram mutações para os trabalhadores terceirizados, temporários, subcontratados, assalariados e desempregados face às diversas expressões sociais que a norteiam.

Vale salientar que as questões sociais referentes ao trabalho é um problema que atravessa séculos, em especial desde os primeiros processos industriais na Inglaterra, não porque esta seja essencialmente prejudicial, mas porque as pessoas as quais fizeram e as que continuaram tem como meta o capital e seus lucros, e não o bem estar social de todos.

Daí as sociedades terem construído ao longo desse período até os nossos dias um mundo de desigualdades, principalmente nos países com economia mais fraca que não tem as mesmas condições de competir no mercado, e isso colaborou com a extrema discrepância social na vida dos sujeitos, provocando fome, miséria e falta de acesso aos direitos básicos que todas as pessoas deveriam ter, a exemplo do Brasil que possui muitas riquezas, mas concentrada nas mãos de poucos, e assim a população sofre com a negação de uma vida com qualidade.

Um dos fatores agravantes é a privatização de grandes empresas no nosso território brasileiro o que têm contribuído para que ocorram impactos negativos de sua atuação e acirramento dos reflexos da “questão social”, tal como da *Companhia Vale do Rio Doce*, que permite o lucro ficar nas mãos de um pequeno grupo de investidores, principalmente estrangeiros, e quando ocorrem os desastres ‘anunciados’ como de Brumadinho e Mariana, que ceifa vidas, trabalho, local de moradia, meio ambiente, infelizmente quem paga o preço mais alto é sempre a população local e de classe social baixa, pois as leis e justiça brasileira não são capazes de garantir o melhor para seu povo.

Dessa forma, sob o contexto de reestruturação produtiva, pode-se observar o capital fetiche, o qual supervaloriza a produtividade e a exploração da mão de obra, prejudicando as

relações sociais e humanas. Tal como discute Marx (2008), no qual traz em seu âmago contradições referentes à antinomia do desenvolvimento capitalista desigual e combinado. Pois, tende a desenvolver a partir da força produtiva com intuito de sobrepor o valor-capital vivente e alargar ao máximo seus ganhos, de tal maneira a garantir a hegemonia dominante do mercado, com apoio da cooperação manipulada, vista como consensual por uma parcela dos trabalhadores, bem como de vários setores da sociedade civil que não enxergam suas reais contradições. Daí a antinomia inerente ao capitalismo, que provoca crises cíclicas periódicas, e obriga a sociedade a (re) desenhar no mercado ao passo que surgem as crises.

Portanto, trataremos neste texto a forma de acumulação flexível sob o impulso da mundialização do capital, o toyotismo, considerado o ponto de partida do complexo de reestruturação produtiva. É a partir dele que compreendemos o surgimento de um novo e precário mundo do trabalho e seus rebatimentos para a classe trabalhadora. O novo complexo de reestruturação produtiva surge, em sua dimensão contingente, como uma ofensiva do capital na produção (re) criando novos mundos do trabalho, instaurando novas provocações para a classe trabalhista.

## **2. Metodologia**

Este estudo fundamenta-se em uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, a partir de uma revisão bibliográfica. A análise qualitativa não se preocupa em examinar estatisticamente os dados encontrados, mas parte de questões de interesses amplos, que vão se definindo dado que o estudo se desenvolve (Godoy, 1995).

Nesta perspectiva realizamos um levantamento bibliográfico a respeito das mudanças ocorridas no processo de desenvolvimento capitalista, que repercute diretamente no âmbito laborativo, havendo assim uma aproximação inicial com o problema com vistas a torná-lo mais explícito e visível diante de uma sociedade segregadora.

Dessa maneira, a metodologia empregada neste artigo compreende uma pesquisa bibliográfica elaborada com base em material já publicado no tocante a temática o que nos permite uma gama de fenômenos mais amplo, como aponta Gil (1999) acerca dos impactos que a reestruturação produtiva ocasionou aos funcionários e as diversas expressões da “questão social” decorrentes.

Nesse sentido, levaremos em conta os conceitos atribuídos por Marx (2008) à relação entre trabalho e a subsistência, onde os seres humanos vendem suas aptidões e habilidades para obter uma remuneração que muitas vezes é desproporcional às horas trabalhadas. Outro

teórico que enfatizamos em nosso texto é Antunes (1999) que discorre sobre a subproletarização frequente em nossa sociedade devido aos acelerados avanços tecnológicos.

Para tanto, faremos uma análise de caráter qualitativo, no que diz respeito à forma como as metamorfoses do mundo do trabalho estão afetando a população proletária, as quais constantemente tem que se reinventar para se adequar aos requisitos do mercado para não ficar sem trabalho.

Nesta perspectiva, o nosso artigo está dividido nas seguintes partes: introdução, que apresenta o problema estudado e os objetivos; metodologia com discussões teórico-metodológicas; resultados e discussão teórica, no qual dará como enfoque o século XX marcado pela consolidação da chamada reestruturação produtiva, que se constituiu numa nova estratégia de acumulação capitalista em nível mundial, tendenciando uma fragilização no universo empregatício, alterando a forma de ser e a subjetividade da maioria dos colaboradores.

Ainda, na parte da discussão teórica, trataremos dos diversos termos “questão social”, frente aos impactos oriundos da reorganização produtiva. Neste contexto, essas mutações criaram uma fragmentação, uma heterogeneização e complexificação dos operários subalternos, dividida entre trabalhadores qualificados e desqualificados, polivalentes e multifuncionais, do mercado formal e informal, jovens e velhos, homens e mulheres. Disso decorre a desregulamentação do emprego, da remuneração e das circunstâncias trabalhistas, intensificando os níveis de exploração dos trabalhadores.

Por fim, faremos a conclusão colocando nossas considerações finais sobre o objeto de estudo aqui elencado. Assim, pode-se observar a exclusão social e de desigualdades sociais, que afetam a maioria da população mundial, em especial países de economia menos desenvolvida, aumentando a quantidade de pessoas que vivem em circunstâncias desumanas, às quais não têm direito ao menos três refeições diárias. E, no caso, especificamente do Brasil falta acesso aos direitos garantidos e referidos na Constituição.

### **3. Resultados e Discussão**

O século XX foi marcado fortemente pela mundialização do capital que consolidou um complexo de reorganização produtiva, com impactos estruturais no mundo ocupacional, em resposta à sua crise estrutural.

Sob tal impulso, houve o desenvolvimento da acumulação flexível, este modo de concentração decorre da necessidade de o capital reconstituir sua base de valorização,

debilitada tanto pela Terceira Revolução Tecnológica, mas também pela constituição do Welfare State, erguidas no interior do próprio sistema produtor de mercadorias nos países capitalistas centrais durante o pós Segunda Guerra Mundial (Alves, 2000).

Antunes (1999) considera que o capital nesse processo configurou-se, como uma ofensiva para o trabalho assalariado, uma investida do capital na produção, apresentando novos desafios para o mundo do trabalho que emerge, mais ainda, complexificado, fragmentado e heterogeneizado. Dessa forma, esse fenômeno afetou de maneira negativa a qualidade de vida da classe trabalhadora, ocorrendo às metamorfoses no processo de produção do capital e suas repercussões no processo de trabalho.

Há pouco tempo, como resposta do capital à crise dos anos 1970 intensificaram-se as transformações no próprio processo produtivo, por meio do avanço tecnológico, da constituição das formas de acumulação flexível e dos modelos alternativos ao binômio taylorismo/fordismo, onde se destaca, para o capital, especialmente o toyotismo (Antunes, 2011).

Neste sentido, fica claro uma diminuição da classe operária industrial tradicional e paralelamente efetivou-se uma significativa subproletarização do trabalho em decorrência das formas diversas de trabalho parcial, precário, terceirizado, subcontratado (Antunes, 1999).

Conforme Alves (2000) o novo complexo de reestruturação produtiva:

[...] buscou constituir um novo patamar de acumulação capitalista em escala planetária e tende a debilitar o mundo do trabalho, promovendo alterações importantes na forma de ser (e subjetividade) da classe dos trabalhadores assalariados (Alves, 2000, p.16).

Novos processos de trabalho emergem, havendo uma “desproletarização do trabalho manual, industrial e fabril; heterogeneização, subproletarização e precarização do trabalho. Diminuição do operariado industrial tradicional e aumento da classe-que-vive-do-trabalho” (Antunes, 1999, p. 211). O toyotismo penetra, mescla-se ou mesmo substitui, em vários segmentos, o padrão taylorismo-fordismo.

O Toyotismo pode ser entendido como uma estruturação trabalhista que nasce a partir da fábrica Toyota, no Japão. Seus traços constitutivos básicos podem ser assim resumidos: a produção é voltada e conduzida diretamente pela demanda. A produção é variada, diversificada e pronta para o consumo. Para atender às exigências mais individualizadas de mercado, fundamenta-se o trabalho operário em equipe, com

multivariada de funções, transformando-os em trabalhadores multifuncionais (Antunes, 2011).

Dentro da lógica do toyotismo, a captura da subjetividade operária pelo capital é capaz de promover uma nova via de racionalização do trabalho. Neste sentido, restringe o nexos da hegemonia do capital à produção, recompondo o consentimento do operário e controle do trabalho (Alves, 2000). No tocante a reestruturação produtiva, de acordo com Borges (2015):

A reestruturação produtiva, iniciada em finais da década de sessenta, esgotou os modelos rígidos de produção em massa, inaugurando o período de transição para a acumulação flexível, em que a produção é baseada principalmente nos princípios do toyotismo. Diferentemente do fordismo-taylorismo, o modelo japonês requer o domínio consensual e o envolvimento manipulatório da força de trabalho, por meio de um complexo sistema que captura a subjetividade dos trabalhadores, levando-os a agir e pensar próativamente em torno dos objetivos da empresa. (Borges, 2015, p. 5).

Para Borges (2015) os modelos rígidos de produção em massa são os modelos caracterizados pelo binômio fordismo-taylorismo, no qual após a segunda guerra mundial conseguiram alcançar seu auge espalhando-se pelos países capitalistas, contudo na segunda metade da década de 1960 sendo responsáveis pela crise de superacumulação. Logo, o modelo japonês, Sistema Toyota de Produção, ganhou espaço, pois além de possuir um aparato tecnológico é também moldado pela intensa sinergia entre produção, alocação de custos, administração do tempo e eliminação de desperdícios.

Sendo assim, Borges (2015 apud Alves 2011), o toyotismo tornou-se na ideologia orgânica do capital no contexto de reestruturação produtiva, pois além da subjetividade dos trabalhadores que é capturada, existe também a base política, jurídica e legal do Estado que dão a superestrutura essencial para manutenção e ao livre crescimento do mercado.

Quanto à “questão social” percebemos que seu surgimento, na sociedade, ocorre bem antes da reestruturação produtiva, sobretudo a partir do instante em que o modelo escravocrata declina e ocorre a generalização do trabalho livre, o empregado passa então a vender seu único meio de subsistência, isto é sua força de trabalho como mercadoria ao capital, paga através na forma de salário (Iamamoto & Carvalho, 2013).

As relações sociais estabelecidas no capitalismo caracterizam-se pela separação entre os meios de trabalho e a força produtiva, o capitalista possui os meios de conjunto de atividades e pode comprar a força de trabalho, o trabalhador só tem de vender sua força de trabalho para sobreviver.



O capitalismo reproduz e perpetua a exploração do trabalhador, que possui seus dois lados da moeda: um da massa detentora de grande parte da riqueza, a classe capitalista, e outro de uma imensa concentração de pobreza formada por muitos operários. A “questão social” deriva da lei geral de acumulação capitalista, e suas expressões podem ser vistas de diversas formas na sociedade tais como: desemprego, pobreza, fome, entre outros fatores.

Como se sabe, "Todas as transformações implementadas pelo capital têm como objetivo reverter a queda da taxa de lucro e criar condições renovadas para a exploração da força de trabalho. [...]" (Netto & Braz, 2011, p.228). As modificações ocorridas através da reestruturação produtiva e da implementação do toyotismo repercutem consideravelmente na esfera produtiva, tais mudanças podem ser vistas pela tecnologia e introdução da microeletrônica, assim como as imposições impostas aos funcionários, tais como ter um perfil comum aos objetivos da empresa, ampliando a produtividade e conseqüentemente o lucro, requer um trabalhador qualificado, polivalente, multifuncional e comprometido com a instituição, como indica Mota (2010), concomitantemente este trabalho é desregulamentado, flexibilizado e amplia-se a terceirização de serviços.

Além da qualificação técnica dos funcionários, no toyotismo, é imprescindível sua cooperação e comprometimento. Para Alves (2000), tal fenômeno é denominado de “captura da subjetividade operária pela lógica do capital”, com intuito de conseguir a aprovação passiva dos trabalhadores à lógica capitalista.

[...] o controle da força de trabalho pelo capital recorre a formas diversas [...] apelando à “participação” e ao “envolvimento” dos trabalhadores, valorizando a “comunicação” e a redução de hierarquias mediante a utilização de “equipes de trabalho” [...] com o forte estímulo ao “sindicalismo de empresa” [...] O capital empenha-se em quebrar a consciência de classe dos trabalhadores: utiliza-se o discurso de que a empresa é a sua “casa” e que eles devem vincular o seu êxito pessoal ao êxito da empresa [...] os capitalistas já não se referem a eles como “operários” ou “empregados” – agora, são “colaboradores”, “cooperadores”, “associados” etc. (Netto & Braz, 2011, p. 227).

Assim, ainda que a ofensiva do capital proclame que a flexibilização ou a desregulamentação das relações trabalhistas aumentaria o ingresso dos trabalhadores ao mercado de trabalho demonstra-se o oposto, visto que “em todos os países onde o trabalho foi “flexibilizado”, isso ocorreu juntamente com o *crescimento do desemprego*” (Netto & Braz, 2011, p. 229).

A principal peculiaridade do capitalismo vigente após o processo de reestruturação produtiva é o aumento da “questão social”, opera-se a favor disto a naturalização da miséria,

a não tolerância às soluções carcerárias, o discurso capitalista perpetuado pela mídia a favor da redução da maioria penal, a ideia de que os direitos humanos são “direito de bandidos”, entre outras tantas ofensivas que o capital impõe à população para manter seu controle.

Portanto, a precarização e a informalização no trabalho trouxe de volta formas de exploração que pareciam próprias do passado, como: aumento da jornada de trabalho, trabalho infantil, salário diferenciado para homens e mulheres (Netto & Braz, 2011), trabalho informal, sem qualquer direito trabalhista, trabalho em tempo parcial. Isto demonstra a outra face do capitalismo criando e reproduzindo desigualdades através do seu modo de produção, que faz com que a massa trabalhadora não padeça apenas nas periferias, mas também nos países centrais, perpetuando as expressões da “questão social”, que fazem perpetuar a fome, miséria, falta de habitação, entre outros pontos essenciais para garantir qualidade de vida e dignidade a todo ser humano.

#### **4. Considerações Finais**

Verifica-se que a reforma no setor produtivo trouxe diversos impactos para o ambiente do trabalho, bem como para a classe que vende sua força em troca de salário, que possui como principal maneira de sobreviver e a luta diária, muitas vezes não reconhecida. Esta mudança pode ser verificada nos diversos setores que envolvem a mão de obra produtiva até mesmo a subjetividade da classe, pois é notório o consenso e enfraquecer a força sindical destes trabalhadores, isto pelos que detém o mercado financeiro/capital.

Assim, Meirelles (2016) discorre que na lógica da reestruturação contemporânea, tudo é apto a ser flexibilizado, a exemplo do aparato produtivo, os trabalhadores, os direitos conquistados ao longo de décadas e outros, visto que para uma opção é ter trabalhadores temporários ou subcontratados, dependendo dos conjuntos de fatores atuantes no mercado, pois estes são financeiramente melhor para o empregador, que visa quase sempre o lucro e não o bem estar dos funcionários.

Pode-se constatar um processo de intelectualização do trabalho manual; e também uma desqualificação e mesmo subproletarização, expressa no trabalho precário, informal, temporário, ou seja, um trabalhador com menos direito. Há o que chamamos aqui de exponenciação da “questão social”, vista de diversas maneiras, como o desemprego massivo, aumento da marginalidade, da violência e de qualidade de vida.

Enfim, a lógica destrutiva do capitalismo que tende a criar desigualdades onde poucos detêm grande parte da riqueza socialmente produzida e a maioria padece em meio à pobreza, à fome, ao não acesso à saúde e educação de qualidade, a trabalhos informais e precarizados, se submetendo a dois ou mais empregos.

No mais, reafirmamos que a realização deste texto teve como intuito esboçar algumas considerações sobre a reestruturação produtiva e a questão social. A temática é bastante instigante e nos proporciona pensar em continuar a realizar pesquisas futuras, tais como discutir sobre a influência das novas tecnologias e o trabalho, os impactos provocados pela reestruturação produtiva na vida pessoal do trabalhador. Tal conteúdo é relevante para a sociedade, visto que habitamos num país de proporções alarmantes e de grandes diferenças sociais, e daí se faz essencial discutirmos e colocar em debate tais questões.

## Referências

Alves, G. (2000). O toyotismo: “momento predominante” do complexo de reestruturação produtiva. In: *O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo: Boitempo.

Antunes, R.. (2011). A crise contemporânea e as metamorfoses no mundo do trabalho. In: *Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez.

Antunes, R. (1999). As metamorfoses e a centralidade do trabalho hoje. In: *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo.

Borges, K. S. (2015). “Questão Social” e Reestruturação Produtiva: entre os discursos ideológicos e os impactos sócio-econômicos da atuação da Vale na região de Carajás-PA. In: *VII Jornada Internacional de Políticas Públicas*. UFMA.

Costa, M. P. G.; Sales, L. A. S. F. & Barcellos, W. S. (2018). O Agravamento das Expressões da Questão Social e o Desmonte das Políticas no Contexto Neoliberal. CS Online – *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Juiz de Fora, n. 27. Recuperado de <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17513/8879>.

Feitosa, N. F. M. & Lima, F. M. (2018). Apontamentos da Reestruturação Produtiva: Desmonte de Direitos e Superexploração da Classe Trabalhadora. *VI Seminário CETROS Crise e Mundo do Trabalho no Brasil desafios para a classe trabalhadora*. UECE. Recuperado de [http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos\\_completos/425-8732-15072018-235039.pdf](http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-8732-15072018-235039.pdf).

Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (5a ed.), São Paulo: Atlas.

Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: *Revista de administração de empresas*. 35(2), São Paulo. Mar./Abr. 1995. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>.

Guiraldelli, R. (2014). Trabalho, Trabalhadores e Questão Social na Sociabilidade Capitalista. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. Versão impressa ISSN 1516-3717. Cad. psicol. soc. trab. 17(1). Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172014000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000200008).

Iamamoto, M. V., & Carvalho, R. (2013). *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: Esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. (38a ed.) São Paulo: Cortez.

Marx, K. (2008). *Contribuição à Crítica da Economia Política*. (2a ed.) Trad e Introd Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular.

Marx, K., & Engels, F. (2001). *A Ideologia Alemã*. Int. Jacob Gorender; Trad. Luiz Cláudio de Castro e Costa. (2a ed.), São Paulo: Martins Fontes.

Meireles, G. A. L. (2016). Reestruturação Produtiva do capital, Pauperização e Desigualdade Social na América Latina. *Revista Formação (Online)*. Recuperado de <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/23644>.

Mota, A. E. (org.). (2010). Reestruturação do capital, fragmentação do trabalho e Serviço Social. In: *A nova fábrica de consensos: ensaios sobre a reestruturação empresarial, o trabalho e as demandas ao serviço social*. (5a ed.), São Paulo: Cortez.

Netto, J. P., & Braz, M. (2011). O capital: da defensiva à ofensiva. In: *Economia Política: uma introdução crítica*. (7a ed.), São Paulo: Cortez.

**Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Simone Zeferino Pê - 35%

Francisca Kelly Gomes Cristovam - 20%

Maria Jucineide Araújo - 15%

Dina Mara Pinheiro Dantas - 10%

Ivone Agra Brandão - 10%

Ajanayr Michelly Sobral Santana 10%